Mater mea, fiducia mea

O Livro da Confiança

Padre Thomas de Saint Lourent

Capítulo I

CONFIANÇA!

Nosso Senhor Jesus Cristo nos convida à Confiança

Voz de Cristo, voz misteriosa da graça que ressoa no silêncio dos corações, vós murmurais no fundo das nossas consciências palavras de doçura e de paz. Às nossas misérias presentes repetis o conselho que o Mestre dava, freqüentemente, durante a sua vida mortal: "Confiança, confiança!"

À alma culpada, oprimida sob o peso de suas faltas, Jesus dizia: *"Confiança, filha, teus pecados te serão perdoados!"*[1] *"Confiança",* dizia ainda à doente abandonada que só d'Ele esperava a cura, *"tua fé te salvou"*[2]. Quando os Apóstolos tremiam de pavor vendo-O caminhar, de noite, sobre o lago de Genesaré, Ele os tranqüilizava por esta expressão pacificadora: *"Tende confiança! Sou Eu, nada temais!"*[3] E na noite da Ceia, conhecendo os frutos infinitos de seu Sacrifício, lançava Ele, ao partir para a morte, o brado de triunfo: *"Confiança! Confiança! Eu venci o mundo!..."*[4]

Esta palavra divina, ao cair de seus lábios adoráveis, vibrante de ternura e de piedade, operava nas almas uma transformação maravilhosa. Um orvalho sobrenatural lhes fecundava a aridez, clarões de esperança lhes dissipavam as trevas, uma calma serenidade delas afugentava a angústia. Pois as palavras do Senhor são *"espírito e vida"*[5]. *"Bem-aventurados os que a ouvem e a põem em prática"*[6]

Como outrora aos seus discípulos, é a nós, agora, que Nosso Senhor convida à confiança. Porque recusaríamos atender à sua voz?...

Muitas almas têm medo de Deus

---

[1] Confide, filii, remittuntur tibi pecata tua (MT 9, 2)
[2] Confide, filii, tua te salvam fecit (Mt 9, 22)
[3] Confidite, ego sum, nolite timere (Mc 4, 50)
[4] Confidite, ego vici mundum (Jo 6, 33)
[5] Verba quae ego locutus sum vobis, spiritus et vita sunt (Jo 6, 64)
[6] Beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt ilud (Lc 9, 28)

Poucos cristãos, mesmo entre os fervorosos, possuem essa confiança que exclui toda ansiedade e toda hesitação. Várias são as causas dessa deficiência. O Evangelho narra que a pesca miraculosa aterrou São Pedro. Com a impetuosidade habitual, ele mediu de relance a distância infinita que separava da sua própria pequenez a grandeza do Mestre. Tremeu de terror sagrado, e prosternando-se, a face contra a terra : *"Afastai-Vos de mim, Senhor,* exclamou, *que sou um pecador!"*[7]

Certas almas têm, como o Apóstolo, esse terror. Elas sentem tão vivamente a própria indigência e as próprias misérias, que mal ousam aproximar-se da Divina Santidade. Parece-lhes que um Deus assim puro deveria sentir repulsão ao inclinar-Se para elas. Triste impressão, que lhes dá à vida interior uma atitude contrafeita, e, por vezes, a paralisa completamente.

Como se enganam essas almas!

Logo aproximou-se Jesus do Apóstolo assustado: *"Não temas"* [8] disse-lhe, e o fez levantar-se...

Vós também, cristãos, que do seu amor tantas provas recebestes, nada temais! Nosso Senhor receia acima de tudo que tenhais medo d'Ele. Vossas imperfeições, vossas fraquezas, vossas faltas, mesmo graves, vossas reincidências tão freqüentes, nada O desanimará, contanto que desejeis sinceramente converter-vos. Quanto mais miseráveis sois, mais Ele tem compaixão de vossa miséria, mais deseja cumprir, junto a vós, sua missão de Salvador...

Não foi sobretudo para os pecadores que Ele veio à terra?...[9]

A outras falta a fé

A outras almas falta a fé. Elas têm certamente essa fé comum, sem a qual trairiam a graça do Batismo. Crêem que Nosso Senhor é todopoderoso, bom e fiel a suas promessas; mas não sabem aplicar essa crença às suas necessidades particulares. Não são dominadas pela convicção irresistível de que Deus, atento às suas provações, para elas Se volte a fim de socorrê-las.

Jesus Cristo pede-nos, no entanto, essa fé especial e concreta. Ele a exigia outrora como condição indispensável dos seus milagres; espera-a ainda de nós, antes de nos conceder os SUS benefícios...

"Se podes crer, tudo é possível àquele que crê"...[10] dizia ao pai do pequenino possesso. E, no convento de Paray-le-Monial, empregando quase os mesmos termos, repetia a Santa Margarida Maria: *"Se puderes crer, verás o poder do meu Coração na magnificência do meu amor..."*

---

[7] Exi a me, quia homo peccator sum, Domine (Lc 5, 8)
[8] Noli timere (Lc 5, 10)
[9] Non enim veni vocare justos sed peccatores (Mc 2, 17)
[10] Si credere potes, omnia possibilita sunt credenti (Mc 9, 22)

Podeis crer? Podereis chegar a essa certeza tão forte que nada a abala, tão clara que equivale à evidência?...

Isso é tudo. Quando chegardes a esse grau de confiança vereis maravilhas realizarem-se em vós...

Pedi ao Mestre Divino que aumente a vossa fé. Repeti-lhe com freqüência a prece do Evangelho: *"Eu creio, Senhor, mas ajudai a minha incredulidade!..."*[11]

Esta desconfiança de Deus lhes é muito prejudicial

A desconfiança, sejam quais forem suas causas, nos traz prejuízo, privando-nos de grandes bens.

Quando São Pedro, saltando da barca, se lançou ao encontro do Salvador, caminhou, a princípio, com firmeza sobre as ondas. Soprava o vento com violência. As vagas ora levantavam-se em turbilhões furiosos ora cavavam no mar abismos profundos... A voragem abria-se diante do Apóstolo. Pedro tremeu... hesitou um segundo, e, logo, começou a afundar... *"Homem de pouca fé,* disse-lhe Jesus, *por que duvidaste?..."*[12]

Eis a nossa história. Nos momentos de fervor, ficamos tranqüilos e recolhidos ao pé do Mestre. Vindo a tempestade, o perigo absorve a nossa atenção. Desviamos então os olhares de Nosso Senhor para fitá-los ansiosamente sobre os nossos sofrimentos e perigos. Hesitamos... e afundamos logo! Assalta-nos a tentação. O dever se nos torna enfadonho, a sua austeridade nos preocupa, o seu peso nos oprime. Imaginações perturbadoras nos perseguem. A tormenta ruge na inteligência, na sensibilidade, na carne...

E perdemos pé; caímos no pecado, caímos no desânimo, mais pernicioso do que a própria falta. Almas sem confiança, por que duvidamos?

A provação nos assalta de mil maneiras. Ora os negócios temporais periclitam, o futuro material nos inquieta. Ora a maldade ataca-nos a reputação. A morte quebra os laços de afeições das mais legítimas e carinhosas. Esquecemos, então, o cuidado maternal que tem por nós a Providência... Murmuramos, revoltamo-nos, aumentamos assim as dificuldades e o travo doloroso do nosso infortúnio.

Almas sem confiança, por que duvidamos?

Se nos tivéssemos apegados ao Divino Mestre com uma confiança tanto maior quanto mais desesperada parecesse a situação, nenhum mal desta nos adviria... Teríamos caminhado calmamente sobre as ondas; teríamos chegado, sem tropeços, ao golfo tranqüilo e seguro, e, breve, teríamos achado a plaga hospitaleira que a luz do Céu ilumina...

---

[11] Credo, Domine, adjuva incredulitatem meam (Mc 9, 23)
[12] Modicae fidei, quare dubitasti? (MT 14, 31)

Os Santos lutaram com as mesmas dificuldades... muitos dentre eles cometeram as mesmas faltas. Mas estes, ao menos, não duvidaram... Ergueram-se sem tardança, mais humildes após a queda, não contando, desde então, senão com os socorros do Alto... Conservaram no coração a certeza absoluta de que, apoiados em Deus, tudo poderiam. Não foram iludidos nessa confiança. [13]

Tornai-vos, pois, almas confiantes. Nosso Senhor a isso vos convida; e o vosso interesse assim o exige. Tornar-vos-ei, ao mesmo tempo, almas iluminadas, almas de paz.

Fim e divisão deste trabalho

Este trabalho não em outro fim senão o de vos iniciar no conhecimento e na prática dessa virtude. Dela, aqui, se exporá, muito simplesmente, a natureza, o objeto, os fundamentos e os efeitos.

Leitor piedoso, se alguma vez este modesto livrinho te cair nas mãos, não o ponhas de parte com desdém. Não pretende ele nem encanto literário nem originalidade. Contem, apenas, verdades consoladoras que colhi nos livros inspirados e nos escritos dos Santos – eis o seu único mérito.

Tenta lê-lo devagar, com atenção, em espírito de oração. Quase diria: medita-o! Deixa-te penetrar docemente pela sua doutrina. A seiva do Evangelho palpita nessas páginas; haverá para as almas melhor alimento do que as palavras do Senhor?...

Que, ao acabar esta leitura, te possas confiar totalmente ao Mestre adorável que tudo nos deu: os tesouros do seu Coração, o amor, a vida, até a última gota de seu Sangue!...

Capítulo II

NATUREZA E QUALIDADE DA CONFIANÇA

A Confiança é uma firme Esperança

Com a concisão que traz o cunho de seu gênio, define São Tomás a confiança: *"Uma esperança fortalecida por sólida convicção"*[14] Palavra profunda que não faremos senão comentar neste capítulo.

[13] Spes autem non confundit (ROM 5, 5)
[14] Est enim fiducia spes roborata ex aliqua firma opinione. Summa IIa IIae, q. 29, art. 6, ad. 3

Pesemos atentamente os termos que emprega o Doutor Angélico: *"A confiança,* diz ele, *é uma esperança".* Não uma esperança ordinária, comum a todos os fiéis; um qualificativo preciso a distingue: é *"uma esperança fortalecida".* Notai bem, no entanto: não há diferença de natureza, mas somente de grau de intensidade.

Os albores incertos da aurora, tal como o esplendor do sol no zênite, fazem parte do mesmo dia... Assim a confiança e a esperança pertencem à mesma virtude: uma é apenas o desabrochar completo da outra.

A esperança comum perde-se pelo desespero; pode tolerar, no entanto, certa inquietação... Quando, porém, atinge essa perfeição que faz trocar o seu nome pelo nome de "confiança", torna-se-lhe, então, mais delicada e a susceptibilidade. Não suporta mais a hesitação, por leve que se imagine. A menor dúvida a rebaixaria e a faria voltar ao nível de simples esperança.

O Profeta Real escolhia exatamente as expressões quando chamava a confiança: *"uma superesperança"*[15]. Trata-se realmente aqui de uma virtude levada ao máximo de intensidade.

E o Padre Saint-Jure, autor espiritual dos mais estimados do século XVII, via justamente nela uma esperança "extraordinária e heróica"[16]

Não é, pois, a confiança flor banal. Cresce nos cumes, e não se deixa colher senão pelos generosos.

Ela é fortalecida pela fé

Levemos mais longe este estudo.

Que força soberana fortifica a esperança a ponto de torná-la inabalável aos assaltos da adversidade?... A fé!

A alma confiante guarda na memória as promessas do Pai celeste, medita-as profundamente. Sabe que Deus não pode faltar à palavra, e daí a sua imperturbável certeza. Se o perigo a ameaça, a envolve, a domina mesmo, ela conserva sempre a serenidade. Apesar da iminência do risco, repete a palavra do Salmista: *"O Senhor é a minha luz e a minha salvação... que posso recear? O Senhor protege minha vida... quem me fará tremer?"*[17]

Existem entre a fé e a esperança relações estreitas, laços íntimos de parentesco. Empregando a expressão de um teólogo moderno, deve-se achar na fé "a causa e a raiz"[18] da confiança. Ora, quanto mais se afunda a

---

[15] In verba tua supersperavi (Salmos 118)

[16] Saint-Jure: *De La connaissance et de l'amour de J. C., t.III, p. 3*

[17] Dominus illuminatio meã et salus meã; quem timebo? Dominus protector vitae meae; a quo trepidabo? (Sl 26, 1)

[18] Itaque quatenas fides est causa et radix hujus fiduciae, potest accipi pro fiducia causaliter, ut quando S. Jacobus ait: Postulet in fide nihi hesitans (1, 6). Ibi enim aliis similibus locis fides aut simpliciter ponitur pro fiducia aut intelligitur quidem fides dogmatica, sed in quantum roborat spem – Pesch, Praelectiones dogmaticae, t; VII, p. 51, nota 2.

raiz na terra, mais seiva nutriente dela tira; mais vigorosa crescerá a haste; mais opulenta será a floração. Assim, a nossa confiança desenvolve-se na medida em que se aprofunda em nós a fé.

Os Livros Santos reconhecem a relação que une essas duas virtudes. Não são designadas pelo mesmo vocábulo "fides", uma e outra, sob a pena dos escritores sagrados?

A Confiança é inabalável

As considerações precedentes terão parecido, talvez, por demais abstratas. Era necessário, no entanto, que nelas nos firmássemos: delas deduziremos as qualidades da verdadeira confiança.

A confiança, escreve o padre Saint-Jure, "firme, estável e constante em grau tão eminente, que nada no mundo pode, já não digo derrubá-la, mas abalá-la sequer"[19]

Imaginai as extremidades mais angustiosas de ordem temporal, as dificuldades insuperáveis, em aparência, de ordem espiritual: nada disso alterará a paz da alma confiante... Catástrofes imprevistas poderão amontoar em torno dela as ruínas da sua felicidade; essa alma, mais senhora de si que o sábio antigo, continuará calma: *"Impavidum ferient ruinae"*[20]

Voltar-se-á simplesmente para Nosso Senhor; nEle se apoiará com certeza tanto maior quanto mais privada se sente de auxílio humano. Rezará com ardor mais vibrante, e, nas travas da provação, prosseguirá o seu caminho, esperando em silêncio a "hora de Deus".

Uma confiança assim é rara, sem dúvida; mas se não atinge esse mínimo de perfeição, não merece, então, o nome de confiança.

De resto, encontram-se exemplos sublimes dessa virtude nas Escrituras e na vida dos Santos. Ferido na fortuna, na família e na própria carne, Jó, reduzido à última indigência, jazia no seu monturo. Os amigos, sua mulher mesmo, aumentavam-lhe a dor pela crueldade das suas palavras. Ele, no entanto, não se deixava abater, nenhuma murmuração se mesclava aos seus gemidos. Sustentavam-no os pensamentos da fé: *"Quando mesmo o Senhor me tirasse a vida, dizia, ainda assim esperaria nEle"*[21]

Confiança admirável e que Deus recompensou magnificamente. A provação cessou: Jó recuperou a saúde, ganhou de novo fortuna considerável, e teve uma existência mais próspera do que antes.

Numa das suas viagens, São Martinho caiu nas mãos de salteadores. Os bandidos o despojaram; iam trucidá-lo, quando, de repente, tocados pela graça do arrependimento ou levados por um pavor misterioso, o libertaram e o soltaram, contra toda a expectativa.

---

[19] Saint-Jure, "De la connaissance et de l'amour de Jesus Christo, t. III, p. 3

[20] Horácio, ode 3 do livro III.

[21] Etiamsi occiderit me, in ipso sperabo. Jó, XII, 15

Perguntou-se mais tarde ao ilustre Bispo se, nesse risco premente, não teria sentido algum medo. "Nenhum, respondeu, eu sabia que a intervenção divina era tanto mais certa quanto mais improváveis os socorros humanos".

A maioria dos cristãos não imita, infelizmente, exemplos destes. Nunca se aproximam tão pouco de Deus como no tempo da provação. Muitos não dão esse grito de socorro que Deus espera para lhes vir em auxílio. Funesta negligência! – "A Providência, dizia Luís de Granada, quer dar solução, ela mesma, às dificuldades extraordinárias da vida, enquanto que deixa às causas segundas o cuidado de resolver as dificuldades ordinárias"[22]. Mas é preciso reclamar o auxílio divino. Essa ajuda, Deus no-la dá com prazer. "Longe de ser incômoda à ama de quem suga o leite, a criança, pelo contrário, lhe traz alívio"[23].

Outros cristãos, nas horas difíceis, rezam com fervor, mas sem constância. Se não são atendidos logo, logo, caem de uma esperança exaltada num abatimento desarrazoado. Não conhecem os caminhos da graça. Deus nos trata como crianças: faz-Se de surdo, às vezes, pelo prazer que sente ao ouvir-nos invocá-lo... Porque desanimar tão depressa, quando conviria, ao contrário, rogar com maior insistência?...

É esta a doutrina ensinada por São Francisco de Sales: "A Providência só adia o seu socorro para provocar a nossa confiança". "Se nosso Pai celeste não concede sempre o que pedimos, é para nos reter a seus pés e nos dar ocasião de insistir com amorosa violência junto d'Ele, como claramente mostrou aos dois discípulos de Emaús, com os quais só Se deteve ao fim do dia, e assim mesmo por eles forçado".[24]

Não conta senão com Deus

Firmeza inabalável é, pois, a primeira característica da confiança.

A segunda qualidade dessa virtude é ainda mais perfeita. "Leva o homem a não contar com o auxílio das criaturas; quer seja auxílio tirado de si mesmo, do seu espírito, do seu critério, da sua ciência, do seu jeito, das próprias riquezas, crédito, amigos, parentes ou outra qualquer coisa sua, quer sejam socorros que, por acaso, possa esperar de outrem: Reis, Príncipes, e, geralmente, de qualquer criatura; porque sente e conhece a fraqueza e inanidade de todo amparo humano. Considera-os o que são realmente, e

[22] Luís de Granada, 1º Sermão para o 2º Domingo após a Epifania.
[23] Idem.
[24] "Pequenos Bolandistas", t. XIV, p. 542

como Santa Teresa tinha razão de chamá-los ramos secos de genebra que se quebram ao serem carregados".[25]

Mas essa teoria, dirão, não procederá de um falso misticismo?... Não conduzirá ao fatalismo ou, pelo menos, a uma perigosa passividade? Para que multiplicar esforços no intuito de vencer dificuldades, se todos os apoios têm que se quebrar nas nossas mãos? Cruzemos os braços esperando a divina intervenção!...

Não, Deus não quer que adormeçamos na inércia; Ele exige que O imitemos. Sua perfeita atividade não tem limites: Ele é "ato puro".

Devemos, pois, agir; mas só d'Ele devemos esperar a eficácia da nossa ação. "Ajuda-te, que o Céu te ajudará".

Eis a economia do plano providencial.

A postos! Trabalhemos com afinco, mas espírito e coração voltados para o alto. *"Em vão vos levantareis antes da aurora"*[26], diz a Escritura, se o Senhor não vos ajudar, nada conseguireis.

Com efeito, nossa impotência é radical. *"Sem Mim, nada podereis"*[27], diz o Salvador.

Na ordem sobrenatural, essa impotência é absoluta. Atendei bem ao ensino dos teólogos.

Sem a graça o homem não pode observar por muito tempo, e na sua totalidade, os mandamentos de Deus.

Sem a graça não pode resistir a todas as tentações, por vezes tão violentas, que o assaltam.

Sem a graça não podemos ter um bom pensamento, fazer mesmo a mais curta oração; sem ela nem sequer poderemos invocar com piedade o nome de Jesus.

Tudo que fizermos na ordem sobrenatural nos vem unicamente de Deus.[28] Na ordem natural, mesmo, é ainda Deus que nos dá a vitória.

São Pedro havia trabalhado a noite toda, era resistente na labuta; conhecia a fundo os segredos do seu ofício tão duro. No entanto, em vão havia percorrido as ondas mansas do lago – nada havia pescado! Recebe, porém, o Mestre na barca; lança a rede em nome do Salvador; - tem logo uma pesca miraculosa e as malhas da rede se rompem, tal o número de peixes...

Seguindo o exemplo do Apóstolo, lancemos a rede, com paciência incansável; mas só de Nosso Senhor esperemos a pesca miraculosa.

"Em tudo o que fizerdes, dizia Santo Inácio de Loyola, eis a regra das regras a seguir: confiai em Deus, agindo, entretanto, como se o êxito de cada ação dependesse unicamente de vós e nada de Deus; mas, empregando

[25] Saint-Jure, "De la connaissance ert de l'amour de J. C., t;III. P. 3
[26] Vanum est vobis lucem surgere. Salmos, CXXVI, 2
[27] Sine me nihil potoestis facere.João XV, 5.
[28] "Sufficientia nostra ex Deo est. II Corintios, III, 5.

assim vossos esforços para esse bom resultado, não conteis com eles, e procedei como se tudo fosse feito por Deus só e nada por vós"[29]

Regozija-te até com a privação de socorros humanos

Não desanimar quando se dissipa a miragem das esperanças humanas... não contar senão com o auxílio do Céu, não será já altíssima virtude?...

A asa vigorosa da verdadeira confiança atira-se, no entanto, para regiões ainda mais sublimes. A elas chega por uma espécie de requinte de heroísmo; atinge então o mais alto grau de sua perfeição.

Esse grau consiste em regozijar-se a alma quando se vê balda de todo apoio humano, abandonada de parentes, de amigos, de todas as criaturas que não querem ou não podem socorrê-la; que não podem dar-lhe conselho nem servi-la com o seu talento ou o seu crédito; a quem nenhum meio resta de vir-lhe em auxílio...[30] Que sabedoria profunda denota semelhante alegria em circunstâncias tão cruéis!...

Para poder entoar o cântico da Aleluia sob golpes que, naturalmente, deveriam quebrar a nossa energia, é preciso conhecer a fundo o Coração de Nosso Senhor; é preciso crer perdidamente na sua piedade misericordiosa e na sua bondade onipotente, é preciso ter a absoluta certeza de que Ele escolhe, para a sua intervenção, a hora das situações desesperadoras...

Depois de convertido, São Francisco de Assis desprezou os sonhos de glória que antes o haviam deslumbrado. Fugia às reuniões mundanas, retirava-se na floresta para, aí, entregar-se longamente à oração; dava esmolas generosamente... Esta mudança desagradou a seu pai, que arrastou o filho ante a autoridade diocesana, acusando-o de dissipar-lhe os bens. Então, em presença do Bispo maravilhado, Francisco renuncia à herança paterna; tira até as roupas que lhe vinham da família; despoja-se de tudo!... E, vibrando de uma felicidade sobre-humana, exclama: "Agora sim, oh! Meu Deus, poderei chamar-Vos mais verdadeiramente do que nunca: *"Nosso Pai que estais no Céu!"*.

Eis aí como agem os Santos.

Almas feridas pelo infortúnio, não murmureis no abandono a que vos achais reduzidos. Deus não vos pede uma alegria sensível, impossível à nossa fraqueza. Somente, reanimai a vossa fé, tende coragem, e, segundo a expressão cara a São Francisco de Sales, na "fina ponta da alma" esforçai-vos por ter alegria.

A Providência acaba de vos dar o sinal certo, pelo qual se reconhece a sua hora; ela vos privou de todo apoio. É o momento de resistir à inquietação da natureza. Chegastes ao ponto do ofício interior em que se deve

[29] P. Xavier de Francisco: "L'Esprit *de Saint Ignace", p. 3.*

[30] Saint-Jure: "De la connaissance et de l"amour de J. C.", t. III, p. 4

cantar o "Mgnificat" e fazer fumegar o incenso... *"Regozijai-vos no Senhor; eu vos repito, regozijai-vos: o Senhor está perto!"*[31]

Segui este conselho e vos dareis bem. Se o Mestre Divino não Se deixasse tocar por tamanha confiança, não seria Aquele que os Evangelhos nos mostram tão compassivo. Aquele que a visão dos nossos sofrimentos fazia estremecer de dolorosa emoção.

Nosso Senhor dizia a uma alma privilegiada: "Se sou bom para todos, sou muito bom para os que confiam em Mim. Sabes quais são as almas que mais aproveitam de minha bondade? As que mais esperam... As almas confiantes roubam as minhas graças..."[32]

Capítulo III

A CONFIANÇA EM DEUS E AS NECESSIDADES TEMPORAIS

Deus provê às nossas necessidades temporais

A confiança, já o dissemos, é um esperança heróica; não difere da esperança comum a todos os fiéis senão pelo seu grau de perfeição.

Ela é, pois, exercida sobre os mesmos objetos que aquela virtude, mas por meio de atos mais intensos e vibrantes.

Com a esperança ordinária, a confiança espera do Pai celeste todos os socorros que são necessários para se viver santamente aqui na terra e merecer a bem-aventurança do Paraíso.

Ela espera, primeiramente, os bens temporais, na medida em que estes nos podem conduzir ao fim último.

Nada mais lógico: não podemos ir à conquista do Céu à maneira dos puros espíritos; somos compostos de corpo e alma. Este corpo que o Criador formou pelas suas mãos adoráveis é o companheiro inseparável de nossa existência terrestre; e o será ainda da nossa sorte eterna depois da ressurreição geral. Não podemos prescindir da sua assistência na luta pela conquista da vida bem-aventurada.

---

[31] Gaudete in Domino semper; iterum dico, gaudete... Dominus prope est. Filipense IV, 4 e 5.

[32] Irmã Benigna Consolata Ferrero, págs. 95 e 96, Tip. Rondil, Lyon. – Esta vida apareceu em 1920, com o imprimatur do Arcebispado e as declarações prescritas pelos decretos de Urbano VIII.

Ora, para sustentar-se, para cumprir plenamente a sua tarefa, o corpo tem múltiplas exigências. Essas exigências, é preciso que a Providência as satisfaça; e ela o faz magnificamente.

Deus se encarrega de prover às nossas necessidades... e cuida delas generosamente. Segue-nos com olhar vigilante e não nos deixa na indigência... Em meio às dificuldades materiais, mesmo angustiantes, não nos devemos perturbar. Com plena certeza esperemos das mãos divinas o que é preciso para o sustento de nossa vida.

"Eu vos digo, declara o Salvador, não penseis com angústia em como encontrar os alimentos para sustentar-vos e as roupas para vestir-vos. Não vale a vida mais que o alimento, e o corpo mais que a vestimenta?... Vede os pássaros do céu: não semeiam, não colhem, não juntam nada nos granéis; e o Pai celeste os sustenta... Não valereis mais do que eles?... Quanto às roupas, por que afligir-vos?... Vede como crescem os lírios do campo: não trabalham, não fiam... No entanto, asseguro-vos, nem Salomão, com toda a sua pompa, jamais se vestiu como eles. Se Deus veste assim, com magnificência a pobre planta dos campos, que hoje floresce e amanhã será jogada ao fogo, com que cuidado não vos há Ele de cobrir, homens de pouca fé?...

"Não vos inquieteis, pois. Não penseis: que comeremos? Que beberemos? Com que nos vestiremos? Não imiteis os pagãos que com isso se preocupam. Vosso Pai sabe e conhece as vossas necessidades.

"Procurai primeiramente o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas de acréscimo"[33]

Não basta passar os olhos de relance sobre esse discurso de Nosso Senhor. Importa que nele fixemos longamente a atenção, para procurarmos a sua significação profunda e nos penetrarmos bem da sua doutrina.

Ele o faz segundo a situação de cada um

Deveremos tomar essas palavras ao pé da letra, e compreendê-las no seu sentido mais restrito? Dar-nos-á Deus somente o estrito necessário: o pedaço de pão seco, o copo d'água, a nesga de tecido de que a nossa miséria precisa urgentemente? Não, o Pai celeste não trata os filhos com avarenta parcimônia. Pensar assim, seria blasfemar contra a Divina Bondade; seria, se assim posso dizer, desconhecer os seus hábitos. No exercício da sua providência, como na sua obra criadora, Deus usa, com efeito, de grande prodigalidade.

Quando lança os mundos através dos espaços, tira do nada milhares de astros. Na Via Láctea, essa plaga imensa das noites luminosas, cada grão de areia não é um mundo?

[33] Mateus, VI, 25-26 e 28-33.

Quando alimenta os pássaros, convida-os à mesa opulentíssima da natureza. Oferece-lhes o trigo que enche as espigas, os grãos de todas as espécies que nas plantar amadurecem, os frutos que o outono doura nos bosques, as sementes que o lavrador deita nos sulcos da charrua. Que lista variada ao infinito para a alimentação desses humildes bichinhos!...

Quando cria os vegetais, com que graça enfeita as suas flores! Lavra-lhes a corola como se fossem jóias preciosas, em seus cálices lança deliciosos perfumes, tece-lhes as pétalas de uma seda tão brilhante e delicada, que os artifícios da indústria nunca lhes igualarão a beleza.

E, então, tratando-se do homem, a sua obra-prima, o irmão adotivo de seu Verbo encarnado, não haveria Deus de Se mostrar de generosidade ainda maior?...

Consideremos, pois, como verdade indiscutível que a Providência provê largamente às necessidades temporais do homem.

Sem dúvida, haverá sempre na terra ricos e pobres. Enquanto uns vivem na abundância, outros devem trabalhar e observar uma sábia economia. O Pai celeste, porém, fornece, a todos, meios de viver com certo bem-estar, segundo a condição em que os colocou.

Voltemos à comparação que Jesus emprega. Deus vestiu o lírio esplendidamente, mas essa veste branca e perfumada era reclamada pela natureza do lírio. Mais modestamente foi trajada a violeta; Deus deu-lhe, porém, o que convinha à sua natureza particular. E essas duas flores desabrocham docemente ao sol, sem que nada lhes falte.

Assim Deus faz com os homens. Colocou a uns nas classes mais altas da sociedade; pôs outros em condições menos brilhantes; a uns e a outros dá, no entanto, o necessária para dignamente manterem a sua posição.

Levanta-se aí uma objeção, a respeito da instabilidade das condições sociais. Na crise presente, não será mais fácil decair do que elevar-se ou mesmo manter-se no mesmo nível social?

Sem dúvida. Mas a Providência proporciona exatamente o auxílio às necessidades de cada um: para os grandes males manda os grandes remédios. O que as catástrofes econômicas nos tiram, podemos readquirir com a nossa indústria ou trabalho. Nos casos muito raros em que a atividade própria se vê de todo reduzida à impossibilidade, temos, então, o direito de esperar de Deus uma intervenção excepcional.

Geralmente, pelo menos assim penso eu, Deus não faz “decaídos”. Ele quer, pelo contrário, que nos desenvolvamos, que subamos, que cresçamos com prudência. Se, às vezes, permite uma decadência de nível social, não a quer senão por uma vontade posterior à ação do nosso livre arbítrio. O mais freqüente é provir tal decadência de faltas nossas, pessoais ou hereditárias. É comumente conseqüência natural da preguiça, da prodigalidade, de paixões várias.

E, ainda assim, pode o homem, mesmo decaído, levantar-se e, com o auxílio da Providência, reconquistar, pelos seus esforços, a situação perdida.

Não nos devemos inquietar com o futuro

Deus provê às nossas necessidades.

"Não vos inquieteis", diz o Senhor.

Qual será o sentido exato desse conselho?...

Deveremos, para obedecer à direção do Mestre, negligenciar completamente os negócios temporais?...

Não duvidamos de que a graça peça, às vezes, a certas almas, o sacrifício de uma pobreza estrita e de um total abandono à Providência. É notável, entretanto, a raridade dessas vocações. Os outros, comunidades religiosas ou indivíduos, possuem bens; devem geri-os prudentemente.

O Espírito Santo louva a mulher forte que soube governar bem a sua casa. Ele no-la mostra, no Livro dos Provérbios, acordando bem cedo para distribuir aos criados a tarefa quotidiana e trabalhando também com suas próprias mãos. Nada escapa à sua vigilância. Os seus nada têm a temer: acharão todos, graças à sua previdência, o necessário, o agradável e, até, certo luxo moderado. Seus filhos a proclamam bem-aventurada, e seu marido exalta-lhe as virtudes.[34]

A Verdade não teria louvado tão calorosamente essa mulher, se ele não houvesse cumprido o seu dever.

Cumpre, pois, não se afligir; ocupando-se embora razoavelmente de seus afazeres, não se deixar dominar pela angústia de sombrias perspectivas de futuro, e contar, sem hesitações, com o socorro da Providência.

Nada de ilusões!... uma confiança assim pede grande força de alma. Temos que evitar um duplo escolho: a falta e a demasia. Aquele que, por negligência, se desinteressa de suas obrigações e de seus negócios, não pode, sem tentar a Deus, esperar um auxílio excepcional. Aquele que dá às preocupações materiais o primeiro lugar das suas cogitações, aquele que conta mais consigo do que com Deus, engana-se ainda mais crassamente; rouba assim ao Altíssimo o lugar que Lhe compete em nossa vida.

"In medio stat virtus": entre esses extremos encontra-se o dever.

Se nós nos tivermos ocupado prudentemente de nossos interesses, a aflição pelo futuro importará desconhecimento e menosprezo do poder e da bondade de Deus.

[34] Provérbios, XXI, 10-28

Nos longos anos que São Paulo, o Eremita, viveu no deserto, trazia-lhe um corvo, cada dia, meio pão. Ora, aconteceu que Santo Antão viesse visitar o ilustre solitário. Conversaram longamente os dois Santos, esquecidos em suas piedosas meditações da necessidade do alimento. Pensava neles, porém, a Providência: o corvo veio, como de costume, trazendo, porém, desta vez, um pão inteiro!

O Pai celeste criou todo o universo com uma só palavra; poeria ser-lhe difícil socorrer seus filhos na hora da necessidade?...

São Camilo de Lellis havia-se endividado para tratar dos doentes pobres. Os Religiosos se alarmavam. "Para que duvidar da Providência?" – tranqüilizava-os o Santo. "Será difícil a Nosso Senhor dar-nos um pouco desses bens e que cumulou os judeus e os turcos, inimigos uns e outros da nossa Fé?"[35] A confiança de Camilo não foi iludida; um mês depois, um dos seus protetores legava-lhe, ao morrer, soma considerável.

Afligir-se com o futuro é desconfiança que ofende a Deus e provoca sua cólera.

Quando os hebreus, fugindo do Egito, se viram perdidos nas areias do deserto, esqueceram-se dos milagres que Jeová havia feito em seu favor... Tiveram medo, murmuravam... *"Deus nos poderá sustentar no deserto?... Poderá dar pão ao seu povo?"* Essas palavras irritaram o Senhor. Contra eles lançou o fogo do céu; sua cólera caiu sobre Israel, *"porque não tinham tido fé em Deus e não tinham confiado no seu socorro".*[36]

Nada de aflições inúteis: o Pai vela por nós.

Procurar sempre em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça

"Procurai primeiramente o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo mais vos será dado por acréscimo".

Foi assim que o Salvador concluiu o discurso sobre a Providência. Conclusão consoladora, que encerra uma promessa condicional; de nós depende o sermos por ela beneficiados.

O Senhor Se ocupará tanto mais dos nossos interesses quanto nós com os d'Ele nos preocuparmos.

Convém parar para meditarmos as palavras do Mestre.

Uma questão logo se nos depara: onde se acha esse Reino de Deus que devemos procurar antes de tudo mais?

"Dentro de vós"[37]*,* responde o Evangelho.

"Regnum Dei intra vos est".

---

[35] "Pequenos Bolandistas", t. VIII, 18 de julho.

[36] "Nunquid poterit Deus parare mensam in deserto?... Nunquid et panem dare aut mensam parare populo suo? Et ignis accensus est in Jacob, et ira ascendit in Israel, quia non crediderunt in Deo, nec speraverunt in salutari ejus." Salmos, LXXXVII, 19-22

[37] Lucas, XVII, 21.

Procurar o Reino de Deus é, pois, levantar-Lhe um trono em nossa alma; é submetermo-nos inteiramente ao seu domínio soberano. Conservemos todas as nossas faculdades sob o cetro misericordioso do Altíssimo. Lembre-se a nossa inteligência da sua constante presença, conforme-se a nossa vontade em tudo com a sua vontade adorável, voe o nosso coração para Ele com freqüência, em atos de caridade ardente e sincera. Teremos, então, praticado essa "justiça" que, na linguagem da Escritura, significa a perfeição da vida interior.

Teremos seguido, então, à risca, o conselho do Mestre: teremos procurado o Reino de Deus.

"E o resto vos será dado por acréscimo".

Há aí uma espécie de contrato bilateral: do nosso lado trabalhamos para a glória do Pai celeste; do seu lado o Pai Se compromete a prover às nossas necessidades.

Lançai, pois, todas as vossas preocupações no Coração Divino; cumpri o contrato que Ele vos propõe*;* Ele cumprirá a palavra dada: velará sobre vós e *"vos sustentará"*[38]

"Pensa em mim, diz o Salvador a Santa Catarina de Siena, e Eu pensarei em ti..." E, séculos mais tarde, no mosteiro de Paray, prometia a Santa Margarida, para aqueles que fossem particularmente devotos do Sagrado Coração, o êxito de suas empresas.

Feliz o cristão que se conforma bem com essa máxima do Evangelho! Ele procura Deus e Deus lhe zela os interesses com a sua onipotência: *"que lhe poderá faltar"*[39].

Pratica as sólidas virtudes interiores, e evita assim toda desordem: as faltas, os vícios que são as causas mais comuns dos fracassos e das ruínas.

Rezar pelas nossas necessidades temporais

A confiança, como acabamos de descrevê-la, não nos desobriga da prece. Nas necessidades temporais, não basta esperar os socorros de Deus; faz-se mister ainda pedir-Lhos.

Jesus Cristo deixou-nos no *Padre Nosso* o modelo perfeito da oração: aí faz-nos Ele pedir o "pão de cada dia": *"Panem nostrum quotidianum da nobis hodie".*

A respeito desse dever da prece, não haverá freqüente negligência nossa? Que imprudência e que loucura!... Privamo-nos assim, por leviandade, da proteção de Deus, a única soberanamente eficaz. Os Capuchinhos, diz a legenda, nunca morrem de fome, porque recitam sempre piedosamente o Padre-Nosso.

---

[38] Jacta super Dominum curam tuam, et ipse te enutriet. Salmos, LV, 25.
[39] Dominus regit me, et nihil deerit. Salmos, XXII, 1.

Imitemo-los, e o Altíssimo não nos deixará à míngua do necessário.

Peçamos, pois, o pão quotidiano.

É uma obrigação a nós imposta pela fé e pela caridade para com nós mesmos.

Poderemos, porém, elevar as nossas pretensões e pedir também a riqueza? Nada a isso se opõe, contanto que essa prece se inspire em motivos sobrenaturais e fiquemos bem submissos à vontade de Deus. O Senhor não proíbe a expressão dos nossos desejos; pelo contrário, quer-nos bem filiais para com Ele. Não esperemos, no entanto, que Ele se curve às nossas fantasias; a própria bondade divina a isso se opõe. Deus sabe o que nos convém. Só nos concederá os bens da terra se eles puderem servir à nossa santificação.

Entreguemo-nos completamente à direção da Providência, e digamos a prece do Sábio: *"Nem a riqueza nem a pobreza eu Vos peço, Senhor. Dai-me sempre o preciso para viver, pois receio que, cumulado de bens, me sinta tentado a dizer: "Quem é o Senhor?", e, impelido pela indigência, me veja forçado a roubar ou a blasfemar contra o nome do meu Deus".*[40]

Capítulo IV

A CONFIANÇA EM DEUS E AS NOSSAS NECESSIDADES ESPIRITUAIS

A misericórdia de Nosso Senhor para com os pecadores

A providência, que alimenta o passarinho no galho, cuida do nosso corpo. Que é, no entanto, esse corpo de miséria? Uma criatura frágil, um condenado à morte e destinado aos vermes.

Na louca corrida da vida, pensamos todos caminhar para os negócios ou para os prazeres...; cada passo dado nos aproxima do fim; arrastamos, nós mesmos, o nosso cadáver para a beira do túmulo.

Se Deus assim Se ocupa de corpos perecíveis, com que solicitude não velará pelas almas imortais? Prepara-lhes tesouros de graças, cuja riqueza sobrepuja tudo o que podemos imaginar; manda-lhes socorros superabundantes para a sua santificação e salvação.

Esses meios de santificação, que a Fé põe a nosso dispor, não serão aqui estudados.

---

[40] "Mendicitatem et divitias ne dederis mihi: tribue tantum victui meo necessaria; ne forte satiatus illiciar ad nengandum, et didam: Quis est Dominus? Aut egestate compulsus furer, et perfjurem nomem Dei mei". Provérbios, XXX, 8 e 9.

Quero falar simplesmente às almas inquietas que se encontram por toda parte. Mostrar-lhes-ei, com o Evangelho na mão, a inanidade dos seus temores. Nem a gravidade de suas faltas, nem a multiplicidade de suas reincidências no erro as deve abater.

Pelo contrário, quanto mais sentirem o peso da própria miséria, tanto mais deverão apoiar-se em Deus. Não percam a confiança!... Seja qual for o horror do seu estado, mesmo que tenham levado longamente vida desregrada, com o socorro da graça poderão converter-se e ser elevadas a uma alta perfeição.

A misericórdia de Nosso Senhor é infinita: nada a cansa, nem mesmo faltas que nos parecem a nós as mais degradantes e criminosas.

Durante sua vida mortal, o Mestre acolhia os pecadores com bondade verdadeiramente divina; nunca lhes recusou o perdão.

Impelida pelo ardor de seu arrependimento, sem preocupar-se com as convenções mundanas, Maria Madalena entra na sala do festim. Prosterna-se aos pés de Jesus, inunda-os de lágrimas. Simão, o Fariseu, contempla essa cena com ar irônico; indigna-se intimamente. "Fosse este homem profeta, pensa, e saberia bem o que vale essa mulher. Enxotá-la-ia com desprezo..." Mas o Salvador não a enxota. Aceita-lhe os suspiros, o pranto, todos os sinais sensíveis da humilde contrição. Purifica-a de suas máculas e a cumula de dons sobrenaturais. E o Coração Sagrado transborda de imensa alegria, enquanto que no alto, no Reino de seu Pai, os Anjos vibram de júbilo e louvor: perdida estava uma alma, e ei-la achada; era morta essa alma, e ei-la de novo restituída à verdadeira vida!...

O Mestre não Se contenta de receber com doçura os pobres pecadores; chega ao ponto de tomar-lhes a defesa. E não é essa de resto a sua missão? Não se constitui Ele o "nosso advogado"?[41]

Trazem-lhe um dia à presença de uma desgraçada, surpreendida em ato flagrante de seu pecado. A dura lei de Moisés a condena formalmente: a culpada deve morrer no lento suplício da lapidação. Os escribas e fariseus, no entanto, esperam impacientes a sentença do Salvador. Se perdoar, os inimigos O censurarão por desprezar as tradições de Israel. Que fará Ele?...

Uma só palavra cairá de seus lábios; e esta palavra bastará para confundir os fariseus orgulhosos e salvar a pecadora.

"Aquele dentre vós que for sem pecado que seja o primeiro a lhe atirar a pedra"[42]

Resposta cheia de sabedoria e misericórdia. Ouvindo-a, esses homens arrogantes enrubescem de vergonha... Retiram-se confusos, uns após outros; os velhos são os primeiros a fugir...

"E Jesus ficou só com a mulher.

---

[41] Si quis peccaverit, advocatum habemus apud Patrem, Jesum Christum justum (I João 2, 1).
[42] Qui sine peccato est vestrum, primus in illan lapidem mittat (João 8, 7).

"Onde estão os teus acusadores? Pergunta. *Ninguém te condenou?".* Ela responde: *"Ninguém, Senhor".* E Jesus prossegue: *"Eu também não te condenarei! Vai, e de futuro não peques mais!"*[43]

Quando vêm a Ele os pecadores, Jesus lança-Se ao seu encontro. Como o pai do pródigo, espera a volta do ingrato. Como o bom pastor, procura a ovelha tresmalhada; e, quando a encontra, carrega-a sobre os ombros divinos e a restitui ensangüentada ao redil.

Oh! Ele não lhe magoará as feridas; delas tratará como o bom samaritano, com o vinho e com o óleo simbólicos. Derramará sobre suas chagas o bálsamo da penitência; e, para fortificá-la, a fará beber do seu cálice eucarístico.

Almas culpadas, não tenhais medo do Salvador; foi para vós, especialmente, que Ele desceu à terra. Não renoveis nunca o grito de desespero de Caim: *"Meu crime é grande demais para que eu d'Ele possa obter perdão"*[44]

Jesus purificou Madalena e perdoou a tríplice negação de Pedro; abriu o céu para o bom ladrão. Em verdade, asseguro-vos, se Judas tivesse ido a Ele após o crime, Nosso Senhor o teria acolhido com misericórdia. Como, pois, não vos perdoaria também?!...

A graça pode santificar-nos num instante

Abismo da humana fraqueza, tirania dos maus hábitos! Quantos cristãos recebem no tribunal da Penitência a absolvição de suas faltas; é sincera neles a contrição, enérgicas são as suas resoluções... e caem de novo nos mesmos pecados, por vezes graves; o número de suas quedas cresce sem cessar! Não terão, então, sobejas razões de desânimo?...

Que a evidência da própria miséria nos mantenha na humildade, nada mais justo.

Que ela nos faça perder a confiança – será uma catástrofe, mais perigosa que tantas recaídas no erro.

A alma que cai deve levantar-se imediatamente. Não deve cessar de implorar a piedade do Senhor. Não sabeis que Deus tem "as suas horas" e pode num instante elevar-nos à mais sublime santidade?

Não tinha por acaso levado Maria Madalena uma vida criminosa? A graça, no entanto, a transformou instantaneamente. Sem transição, de pecadora tornou-se grande Santa. Ora, a ação de Deus não se reduziu no seu alcance. O que fez para outros poderá fazer para nós. Não duvideis: a oração confiante e perseverante obterá a cura completa de vossa alma.

Não me alegueis que o tempo passa e já toca talvez ao termo a vossa vida.

---

[43] João 8, 9-11

[44] Major est iniquitas mea quam ut veniam merear (Gên 4, 13).

Nosso Senhor esperou a agonia do bom ladrão para atraí-lo a Si vitoriosamente. Num só minuto esse homem tão culpado converteu-se! Sua fé e seu amor foram tão grandes que, apesar dos seus grandes crimes, nem passou pelo Purgatório; ocupa para sempre um lugar elevado nos Céus.

Que nada, pois, altere em vós a vossa confiança! Do fundo do abismo embora, apelai sem trégua para o Céu. Deus acabará respondendo ao vosso apelo e em vós operará a sua justiça.

Deus concede-nos todos os socorros necessários para a santificação e a salvação de nossa alma

Certas almas angustiadas duvidam da própria salvação. Lembram-se demasiado de faltas passadas; pensam nas tentações tão violentas que, por vezes, nos assaltam a todos; esquecem a bondade misericordiosa de Deus. Essa angústia pode tornar-se uma verdadeira tentação de desespero.

Em moço, São Francisco de Sales conheceu uma provação dessas; tremia de não ser um predestinado ao Céu. Passou vários meses nesse martírio interior. Uma oração heróica o libertou: o Santo prosternou-se diante de um altar de Maria; suplicou à Virgem que o ensinasse a amar seu Filho com uma caridade tanto mais ardente sobre a terra, quanto ele temia não poder amá-Lo na eternidade.

Nesse gênero de sofrimento, há uma verdade de fé que nos deve consolar imensamente. Só nos perdemos pelo pecado mortal.

Ora, sempre o podemos evitar, e, quando tivermos tido a desgraça de cometê-lo, poderemos sempre nos reconciliar com Deus. Um ato de contrição sincera, feita logo, sem demora, nos purificará, enquanto esperamos a confissão obrigatória, que convém se faça sem detença.

Certamente a pobre vontade humana deve sempre desconfiar da sua fraqueza. Mas o Salvador nunca nos recusará as graças de que carecemos. Fará também todo o possível para ajudar-nos na empresa, soberanamente importante, da nossa salvação.

Eis a grande verdade que Jesus Cristo escreveu com o seu Sangue e que vamos agora reler juntos na história da sua Paixão.

Já tereis algum dia refletido como puderam os judeus apoderar-se de Nosso Senhor? Acreditareis, por acaso, que isso conseguiram pela astúcia ou pela força? Podeis imaginar que, na grande *tormenta,* Jesus foi vencido porque era o mais fraco?

Seguramente não. Os inimigos nada podiam contra Ele. Mais de uma vez, nos três anos de suas pregações, haviam tentado matá-Lo. Em Nazaré, queriam jogá-Lo num precipício; por várias vezes tinham apanhado pedras para lapidá-Lo. Sempre, porém, a sabedoria divina desfez os planos dessa ímpia cólera; a força soberana de Deus reteve-lhes o braço; e Jesus afastou-

Se sempre tranqüilamente, sem que ninguém tivesse conseguido fazer-Lhe o menor mal.

Em Getsêmani, ao dizer Ele simplesmente seu nome aos soldados do Templo vindos para assenhorearem-se da sua pessoa sagrada, toda a tropa cai por terra tocada de estranho pavor. Os soldados só se podem levantar pela permissão que Ele lhes dá.

Se Jesus foi preso, se foi crucificado, se foi imolado, é que assim o quis, na plenitude de sua liberdade e do seu amor por nós. *"Oblatus est quia voluit"*[45]

Se o Mestre derramou, sem hesitar, o Sangue todo por nós, se morreu por nós, como poderia recusar-nos graças que nos são absolutamente necessárias e que Ele próprio nos mereceu pelas suas dores?

Essas graças, Jesus as ofereceu misericordiosamente às almas mais culpadas durante a Paixão dolorosa. Dois Apóstolos haviam cometido um crime enorme: a ambos ofereceu o perdão.

Judas O atraiçoa e Lhe dá um beijo hipócrita. Jesus fala-lhe com doçura tocante; chama-lhe seu amigo; procura à força de carinho tocar esse coração endurecido pela avareza: *"Meu amigo, porque vieste? – Judas, tu trais o Filho do Homem com um beijo?..."*[46] É esta a última graça do Mestre ao ingrato.

Graça de tal força, que jamais lhe mediremos bem a intensidade. Judas, porém, a repele: perde-se, porque assim formalmente o prefere.

Pedro cria-se muito forte... Tinha jurado acompanhar o Mestre até a morte, e O abandona, quando O vê às mãos dos soldados. Só O segue então de longe. Entra tremendo no pátio do palácio do Sumo Sacerdote. Por três vezes renega o seu Senhor – porque receia os motejos de uma criada. Com juramento afirma que não conhece "esse homem". Canta o galo... Jesus volta-Se e fixa sobre o Apóstolo os olhos cheios de misericordiosas e doces censuras. Cruzam-se os olhares... Era a graça, uma graça fulminante que esse olhar levava a Pedro. O Apóstolo não a repeliu: saiu imediatamente e chorou com amargura a sua falta.

Assim como a Judas, como a Pedro, Jesus nos oferece sempre graças de arrependimento e conversão. Podemos aceitá-las ou recusá-las. Somos livres! A nós compete decidir entre o bem e o mal, entre o Céu e o inferno. A salvação está em nossas mãos.

O Salvador não só nos oferece as suas graças, como faz mais: intercede por nós junto ao Pai celestial. Lembra-Lhe as dores sofridas pela nossa Redenção. Toma a nossa defesa diante d'Ele; desculpa-nos as faltas: *"Pai,* exclama nas angústias da agonia, *Pai, perdoai-lhes, pois não sabem o que fazem!"*[47]

---

[45] Foi oferecido (em sacrifício) porque Ele mesmo quis (Is 53, 7)
[46] Amice, ad quid venisti/ (Mt 26, 50) – Juda, osculo Filium hominis tradis? (Lc 23, 48)
[47] Pater, dimite illis; non enim sciunt quid faciunt (Lc 23, 34).

O Mestre, durante a Paixão, tinha tal desejo de salvar-nos, que não cessava um instante de pensar em nós.

No Calvário dá aos pecadores o seu último olhar; pronuncia em favor do bom ladrão uma de suas últimas palavras. Estende largamente os braços na Cruz para marcar com que amor acolhe todo arrependimento em seu Coração amantíssimo.

A vista do Crucifixo deve reanimar-nos a confiança

Se jamais, nas lutas íntimas, vós sentirdes fraquejar na confiança, meditai as passagens do Evangelho que vos acabo de indicar.

Contemplai essa cruz ignominiosa, sobre a qual expira o vosso Deus. Olhai para a sua pobre cabeça coroada de espinhos, que tomba inerte sobre o peito. Considerai os olhos vítreos, a face lívida onde se coagula o sangue preciosa. Olhai para os pés e as mãos transpassadas, para o corpo malferido. Fixai sobretudo o coração amantíssimo que acaba de ser aberto pela lança do soldado: d'Ele correram umas poucas gotas de água ensangüentada... Tudo vos deu!... Como será possível desconfiar desse Salvador?

De vós, porém, espera Ele retribuição e afeto. Em nome do seu amor, em nome de seu martírio, em nome da sua morte, tomai a resolução de evitar doravante o pecado mortal.

A fraqueza é grande, bem sei, mas Ele vos ajudará. Apesar de toda a boa vontade, tereis talvez quedas e reincidências no mal, mas o Senhor é misericordioso. Só pede que não vos deixeis adormecer no pecado, que luteis contra os maus hábitos.

Prometei-Lhe confessar-vos logo e nunca passar a noite tendo sobre a consciência um pecado mortal.

Felizes sereis, se mantiverdes corajosamente essa resolução!... Jesus não terá derramado em vão, por vós, o seu Sangue bendito.

Tranqüilizai-vos quanto ás vossas íntimas disposições. Tereis assim o direito de encarar com serenidade o temeroso problema da predestinação: trareis sobre a fronte o sinal dos eleitos.

Capítulo V

RAZÕES DA CONFIANÇA EM DEUS

A Encarnação do Verbo

O sábio constrói a casa sobre o rochedo: nem inundação, nem chuvas, nem tempestades a poderão lançar por terra. Para que o edifício da

nossa confiança resista a todas as provas, preciso é que se eleve sobre bases inabaláveis.

"Quereis saber, diz São Francisco de Sales, que fundamento deve ter a nossa confiança? Deve basear-se na infinita bondade de Deus e nos méritos da Morte e da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, com essa condição de nossa parte: a firme e total resolução de sermos inteiramente de Deus e de nos abandonarmos completamente e sem reservas à sua Providência".[48]

As razões de esperança são demasiado numerosas para que possamos citá-las todas. Examinaremos aqui somente as que nos são fornecidas pela Encarnação do Verbo e pela Pessoa sagrada do Salvador. De resto, é Cristo em verdade *a pedra ungular*[49] sobre a qual principalmente deve apoiar-se a nossa vida interior.

Que confiança nos inspiraria o mistério da Encarnação, se nos esforçássemos por estudá-la de maneira menos superficial!...

Quem é essa criança que chora no presépio, quem é esse adolescente que trabalha na oficina de Nazaré, esse pregador que entusiasma as multidões, esse taumaturgo que opera prodígios sem conta, essa vítima inocente que morre na Cruz?

É o Filho do Altíssimo, eterno e Deus como o Pai... é o Emanuel desde tanto tempo esperado; é Aquele que o Profeta chama *"o Admirável, o Deus forte, o Príncipe da paz".*[50]

Mas Jesus – disto nos esquecemos freqüentemente – é *nossa propriedade.* Em todo o rigor do termo, Ele nos pertence; é *nosso;* temos sobre Ele direitos imprescritíveis, pois o Pai celeste no-Lo deu. A Escritura assim o afirma: *"O Filho de Deus nos foi dado"*[51]

E São João, em seu Evangelho, diz também: *"Deus amou tanto o mundo, que lhe deu seu Filho único".*[52]

Ora, se Cristo nos pertence, os méritos infinitos de seus trabalhos, de seus sofrimentos e da sua morte nos pertencem também. Sendo assim, como poderíamos perder a coragem? Entregando-nos o Filho, o Pai do Céu nos deu a plenitude de todos os bens. Saibamos explorar largamente esse precioso tesouro.

Dirijamo-nos, pois, aos Céus com santa audácia; e, em nome desse Redentor que é nosso, imploremos, sem hesitar, as graças que desejamos. Peçamos as bênçãos temporais e sobretudo o socorro da graça; para a nossa Pátria solicitemos a Paz e prosperidade; para a Igreja, calma e liberdade.

Essa oração será certamente atendida.

Assim agindo, não fazemos nós um negócio com Deus? Em troca dos bens desejados, oferecemos-Lhe o seu próprio Filho unigênito. E nessa

---

[48] "Les vrais entretiens spirituels", Ed. De Annecy, t. VI, p. 30.
[49] Cf. Atos 4, 11.
[50] "Admirabilis... Deus fortis... Princeps pacis" (Isaías, 9, 6).
[51] Filius datus est nobis. (Isaías, 9, 6).
[52] Deus dilexit mundum ut Filium suum unigenitum daret. Sic enim. (João, 3, 16).

transação Deus não pode ser enganado: dar-Lhe-emos infinitamente mais do que d'Ele recebemos.

Essa oração, pois, se a fizermos com a fé que transporta montanhas, será de tal sorte eficaz que obterá, se preciso for, mesmo os prodígios mas extraordinários.

O poder de Nosso Senhor

O Verbo encarnado, que a nós Se deu, possui um poder sem limites.

Aparece no Evangelho como o supremo Senhor da terra, dos demônios e da vida sobrenatural; tudo está submetido ao seu domínio soberano.

Existe ainda nesse poder do Salvador outro motivo seguríssimo de confiança. Nada pode impedir Nosso Senhor de socorrer-nos e proteger-nos.

Jesus domina as forças da natureza.

Logo no início do seu ministério apostólico, assiste às bodas de Caná. No correr do banquete, o vinho vem a faltar. Que humilhação para a pobre gente que havia convidado o Mestre com sua Mãe e os discípulos! A Virgem Maria percebe logo o contratempo: é Ela sempre a primeira a perceber as nossas necessidades e a aliviá-las. Lança ao Filho um olhar de súplica; murmura-Lhe em voz baixa um curto pedido. Conhece Maria o seu poder e o seu amor. E Jesus, que nada sabe recusar-Lhe, transforma a água em vinho!... Foi este o seu primeiro milagre.

De outra feita, uma tarde, para evitar a turba que O assalta e comprime, atravessa o Mestre, de barca, com os discípulos, o lago de Genesaré. Enquanto navegam, levanta-se o vento em furacão, desaba a tempestade, as ondas crescem, os vagalhões esboroam-se com temeroso estrondo. A água inunda o tombadilho; vai afundar-se a embarcação. Ele, fatigado da dura labuta, dorme à popa, a cabeça divina apoiada sobre o cordame. Os discípulos aterrorizados acordam-nO gritando: *"Mestre, Mestre, salvai-nos que perecemos!..."* [53] Então, o Salvador levanta-Se; fala ao vento; diz ao mar enfurecido: Silêncio, acalma-te!... Instantaneamente tudo se acalmou!... As testemunhas dessa cena interrogam-se com assombro: *"Quem é esse Homem a Quem o mar e os ventos obedecem?..."*

Jesus cura os enfermos.

Muitos cegos d'Ele se aproximam às apalpadelas; a Ele clamam o seu infortúnio: *"Filho de Davi, tende piedade de nós!"*[54] O Mestre toca-lhes os olhos, e esse contato divino os abre para a luz.

Trazem-Lhe um surdo-mudo, pedindo-Lhe que sobre ela imponha as mãos. O Salvador atende a esse desejo, e a boca do homem fala, e os seus ouvidos ouvem.

---

[53] Domine, salva nos, perimus (MT 8, 25).
[54] Miserere nostri, fili David (Mt 9, 26)

No caminho, encontra um dia dez leprosos, o leproso é um exilado na sociedade humana; repelem-no das aglomerações; evita-se o seu convívio, pelo medo do contágio; todos se afastam com horror da sua podridão... Os dez leprosos nem ousam aproximar-se de Nosso Senhor... ficam ao longe. Mas, reunindo o pouco de forças deixado pela moléstia, gritam dessa distância: "Senhor, tende piedade de nós!"... Jesus, que devia ser na Cruz o *grande leproso*, que devia ser na Eucaristia o grande abandonado, comove-Se com essa miséria: "Ide mostrar-vos aos sacerdotes", lhes diz.

E enquanto os infelizes caminham para executar as ordens do Mestre... sentem-se curados!

Jesus ressuscita os mortos.

São três os que Ele faz voltar à vida. E, também, pelo mais maravilhoso dos prodígios, depois de morrer nas ignomínias do Gólgota, depois de ter sido depositado no Sepulcro, Ele Se ressuscita a Si mesmo na madrugada do terceiro dia.

É assim que a nós também ressuscitará no fim dos tempos.

Os nossos amados, os nossos mortos, Ele no-los restituirá transformados, mas sempre semelhantes ao que foram. Estancará assim as nossas lágrimas por toda a eternidade. Então não haverá mais pranto, nem ausência, nem luto, porque terá terminado a era da nossa miséria.

Jesus domina o infermo.

Durante os três anos de sua vida pública, Ele, por vezes, encontra-Se com possessos. Fala aos demônios em tom de autoridade soberana; dá-lhes ordens imperiosas, e os demônios fogem à sua voz, confessando-Lhe a divindade!...

Jesus é o Senhor da vida sobrenatural.

Ressuscita almas mortas e lhes restitui a graça perdida. E para provar que tem, realmente, esse poder divino, cura um paralítico.

"Que será mais fácil, pergunta aos escribas que O cercam, *que será mais fácil dizer: Teus pecados te são perdoados; ou: levanta-te e caminha? A fim de que conheçais que o Filho do homem tem sobre a terra o poder de perdoar os pecados: Levanta-te,* diz ao paralítico, *toma a tua enxerga e volta para casa".*[55]

Seria bom meditar longamente sobre o estupendo poder de Jesus Cristo. Quando se trata de pôr esse poder a serviço do seu amor por nós, o Mestre nunca hesita.

Sua bondade

A verdade é que Nosso Senhor é adoravelmente *bom:* seu Coração não pode ver sofrer, sem sangrar. Essa piedade O faz operar alguns dos

[55] Marcos, 2, 9-11

seus maiores milagres espontaneamente, antes mesmo de ter recebido qualquer súplica.

A multidão segue-O através das montanhas desertas da Palestina; durante três dias, esquece-se, para ouvi-Lo, da necessidade de comer e beber. Chama, porém, o Mestre os Apóstolos: "Vede essa pobre gente, diz-lhes; não os posso despedir assim: cairiam de inanição em caminho. *Tenho pena dessa multidão".*[56] E multiplica os poucos pães que restavam aos discípulos.

Outra vez, dirigia-se Ele à pequena cidade de Naim, escoltado por uma turba bem numerosa. Quase ao chegar às portas, encontra um cortejo fúnebre. Era um jovem que levavam para a última morada: filho único de pobre mãe viúva. Nada esperando mais da vida, em profundo desalento, seguia, lamentavelmente, a triste mulher o corpo de seu filho. A vista dessa dor muda emocionou vivamente o Mestre. Tomou-Se de misericórdia. "Pobre mãe aflita, disse, *não chores mais!"* [57] E, aproximando-se da padiola onde jazia o cadáver, restitui vivo o mancebo à sua mãe.

Almas feridas pela provação; consciências perturbadas pela dúvida, talvez, ou pelo remorso; corações torturados pela traição ou pela morte; vós que sofreis, acreditais, por acaso, que Jesus não tenha piedade das vossas dores?... Isso seria não compreender o seu imenso amor. Ele conhece as vossas misérias; Ele as vê, e seu Coração Se compadece delas. É por vós, hoje, que Ele lança o seu grito de compaixão; é a vós que Ele repete, como à viúva de Naim: "Não chores mais, Eu sou a Resignação, Eu sou a Paz, Eu sou a Ressurreição e a Vida!"

Essa confiança, que naturalmente nos deveria inspirar a divina bondade, Nosso Senhor no-la reclama explicitamente. Faz dela condição essencial de seus benefícios. Vemo-Lo, no Evangelho, exigir atos formais dessa confiança antes de operar certos milagres.

Por que é que Ele, sempre tão terno, Se mostra assim duro na aparência para com a Cananéia que Lhe pede a cura da filha? Repele-a por diversas vezes; mas nada a faz desanimar. Multiplica ela as suas súplicas tocantes; nada lhe diminui a confiança inabalável. Era isso justamente o que pretendia Jesus: *"Oh, mulher,* exclama com alegre admiração, *como é grande a tua confiança!"* E acrescenta: *"Que a tua vontade seja feita"*[58]

"Fiat tibi sicut vis". A confiança obtém a realização dos nossos desejos; é Nosso Senhor, Ele próprio, quem o afirma.

Estranha aberração da inteligência humana! Cremos nos milagres do Evangelho, visto que somos católicos convictos; cremos que Cristo nada perdeu do seu poder subindo aos Céus; cremos na sua bondade, provada em

[56] Misereor super turbam (Mc 8, 2).
[57] Lc 8, 13
[58] O mulier, magna est fides tua. Fiat tibi sicut vis. (Mt 15, 28).

toda a sua vida... E, no entanto, não sabemos abandonar-nos à confiança nEle!

Como conhecemos mal o Coração de Jesus! Obstinamo-nos a julgá-Lo pelos nossos fracos corações: parece em verdade que queremos reduzir a sua imensidade às nossas mesquinhas proporções. Custamos a admitir essa incrível misericórdia para com os pecadores, porque somos vingativos e lentos em perdoar. Comparamos a sua infinita ternura com os nossos pequeninos afetos... nada podemos compreender desse fogo devorador que fazia do seu Coração um imenso braseiro de amor, dessa santa paixão pelos homens que O dominava completamente , dessa caridade infinita que O levou das humilhações do Presépio ao sacrifício do Gólgota.

Infelizmente, não podemos dizer com o Apóstolo São João, na plenitude de nossa fé: "Cremos, Senhor, no vosso amor!" – *"Credimus caritati"*[59]

Mestre Divino, queremos doravante abandonar-nos inteiramente à vossa direção amorosa. Confiamos-Vos o cuidado do nosso futuro material. Ignoramos o que nos reserva esse futuro, sombrio de ameaças. Mas abandonamo-nos às mãos da vossa Providência.

Confiamos ao vosso Coração os nossos pesares. São por vezes bem cruéis. Mas Vós estais conosco para suavizá-los.

Confiamos à vossa misericórdia as nossas misérias morais. A fraqueza humana faz-nos temer todos os desfalecimentos. Mas Vós, Senhor, nos haveis de amparar e preservar das grandes quedas.

Como o Apóstolo preferido que repousou a cabeça sobre o vosso peito, assim pousaremos nós sobre o vosso Divino Coração; e, segundo a palavra do Salmista, aí dormiremos em deliciosa paz, porque estaremos, oh Jesus, radicados por Vós numa confiança inalterável.

Capítulo VI

FRUTOS DA CONFIANÇA

A confiança glorifica a Deus

O melhor elogio que possa fazer da confiança consiste em mostrar o seus frutos: será o assunto deste último capítulo.

[59] João 4, 16

Possam as considerações seguintes encorajar as almas inquietas e fazê-las vencer enfim a sua pusilanimidade, ensinando-as a praticar perfeitamente essa preciosa virtude.

A confiança não evolui nas esferas mais modestas das virtudes morais; ela se eleva de um salto até o trono do Eterno, até o próprio Coração do Pai celeste. Rende uma excelente homenagem às suas perfeições infinitas: a bondade, porque só d'Ele espera o auxílio necessário; ao poder, porque despreza qualquer outra força que não seja a sua; à ciência, porque reconhece a sabedoria de sua intervenção soberana; à fidelidade, porque conta, sem hesitação, com a palavra divina.

Participa, pois, essa virtude, ao mesmo tempo, do louvor e da adoração.

Ora, nas diversas manifestações da vida religiosa, nenhum ato é mais elevado do que esses; são os atos sublimes em que se ocupam, no Céu, os Espíritos bem-aventurados. Os Serafins velam a face com as asas em presença do Altíssimo e os Coros angélicos Lhe repetem, enlevados, a sua tríplice aclamação.

A confiança resume, numa luminosa e dulcíssima síntese, as três virtudes teologais: a fé, a esperança e a caridade. Por isso o Profeta, obumbrado pelo brilho dessa virtude, se sente incapaz de sopitar a admiração e exclama com entusiasmo: *""Bendito o homem que confia em Deus!"*[60]

Ao contrário, a alma sem confiança ultraja o Senhor. Duvida da sua providência, da sua bondade e do seu amor. Vai procurar o amparo das criaturas; chega até por vezes, em nossos dias, a se entregar a práticas supersticiosas. A infeliz apóia-se sobre esteios frágeis que se quebrarão sob o seu peso e a ferirão cruelmente.

E Deus irrita-Se com tal ofensa.

O 4º Livro dos Reis conta que Ocosias, doente, mandou consultar os sacerdotes dos ídolos. Jeová Se encolerizou; encarregou o Profeta Elias de transmitir terríveis ameaças ao soberano: *"Não haverá um Deus em Israel, para que consulteis Belzebu, o deus de Acaron? Eis porque não vos levantareis mais do leito em que vos achais, e sucumbireis irremissivelmente"*[61]

O cristão que duvida da bondade divina, e restringe as suas esperanças às criaturas, não merecerá a mesma censura? Não se expõe a justo castigo? A Providência não vela, por acaso, sobre ele, para que lhe seja preciso dirigir-se loucamente a seres débeis e fracos, incapazes de lhe vir em auxílio?

Atrai sobre as almas favores excepcionais

---

[60] Benedictus vir que confidit in Domino (Jeremias 17, 7

[61] IV Reis, 1, 6

"Não deixeis que se perca a vossa confiança, diz o Apóstolo São Paulo, *pois ela merece uma grande recompensa".*[62]

Essa virtude, com efeito, traz tão grande glória a Deus, que atrai necessariamente para as almas favores excepcionais.

O Senhor, por várias vezes, declarou nas Escrituras com que generosa magnificência trata os corações confiantes:

"Porque esperou em Mim, Eu o libertarei; Eu o protegerei, porque reconheceu o meu Nome. Apelará para Mim, e Eu o atenderei. Com ele ficarei em suas tribulações; delas o livrarei, e o glorificarei"[63]

Que promessas pacificadoras na boca dAquele que pune toda palavra inútil e condena a mais ligeira exageração!

Assim pois, e segundo o testemunho da própria Verdade, a confiança afasta de nós todos os males.

"Porque escolhestes o Altíssimo como refúgio, o mal não chegará até vós, e de vós não se aproximarão os flagelos. Pois Ele ordenou aos seus Anjos que vos guardassem em todos os caminhos; ele vos carregarão nas mãos, com receio de que tropeceis nas pedras. Podereis caminhar sobre a áspide e o basilisco, e calcareis aos pés o leão e o dragão"[64]

Dos males de que nos preserva a confiança, ponha-se em primeira linha o pecado. De resto, nada mais conforme à natureza das coisas. A alma confiante conhece o seu *nada*, como o de todas as criaturas; é por isto que não conta consigo mesma nem com os homens, e põe em Deus toda a sua esperança. Desconfia da própria miséria; pratica, por conseguinte, a verdadeira humildade.

Ora, como sabeis, o orgulho é a fonte de todas as nossas faltas[65] e o início da ruína.[66] O Senhor afasta-Se do soberbo; abandona-o à sua fraqueza e o deixa cair. A queda de São Pedro é disso um terrível exemplo.

Nos desígnios misericordiosos de sua sabedoria, Deus permitirá talvez que a provação assalte por algum tempo a alma confiante: nada, no entanto, a abalará; ficará imóvel e firme "como a montanha de Sion" [67] Con-

---

[62] Heb. 10, 35

[63] "Quoniam in me superavit liberabo eum; protegam eum quoniam cognovit nomem meum. Clamabit ad me et ego exaudiam eum; cum ipso sum in tribulatione, eripiam eum et glorificabo eum. (Sl 90, 14-15).

[64] "Quoniam... Altissimum possuisti refugium tuum, non accedet ad te malum et flagelum non appropinquabit tabernacuo tuo. Quoniam Angelis suis mandavit de te, ne forte offendas ad lapidem pedem tuum. Super aspidem et basiliscum ambulabis, et conculcabis leonem et draconem" (Sl 90, 9-13)

[65] Inicium omnis peccati ES superbia (Eclesiastes 10, 15)

[66] Ante ruinam exaltatur spiritus. (Prov. 16, 18)

[67] Qui confidunt in Domino, sicut nous Sion (Sl 124, 1)

[67] Dedisti laetitiam in corde meo (Sl 4, 7)

[67] In pace idipsum dormiam et requiescam, quoniam tu, Domine, singulariter in spe constituisti me. (Sl 4, 9-10).

[67] Salvos facit sperantes in se (Sl 16, 7)

[67] (Jer. 17, 7-8).

[67] Maledictus homo qui confidit in homine, et ponit carnem brachium suum, et a Domino recedit cor ejus. Erit enim quasi myricae in deserto… habitabit in siccitate in deserto, in terra salsuginis et inhabitabit. (Jeremias 17, 5-6).

servará a alegria no fundo do coração,[68] e apesar do rugido da tormenta, dormirá tranqüila como a criança nos braços do pai.[69] Deixar-se-á levar ao termo feliz de sua jornada, pois Deus salva "os que nEle esperam".[70]

Esses são, porém, benefícios puramente negativos.

Deus cumula com benefícios positivos o homem que nEle confia. Ouvi com que ampla poesia o Profeta expõe esta verdade: *"Feliz o homem que põe em Deus a sua confiança e de quem o Senhor é a esperança. Será semelhante a uma árvore transplantada para a borda da água e que enterra as raízes em solo úmido: nada temerá à chegada da canícula. Suas folhas serão sempre verdes; não sofrerá no tempo da seca e jamais cessará de dar frutos".*[71]

Para ressaltar, por impressionante contraste, a paz radiosa desse quadro, contemplai a sorte lamentável daquele que conta com as criaturas: *"Maldito o homem que no homem põe a sua confiança, que se apóia sobre a carne e cujo coração foge do Senhor. Será semelhante à tamargueira do deserto... ficará na aridez, em terra salgada e inabitável".*[72]

A Oração confiante tudo obtém

Enfim, e como uma das suas maiores prerrogativas, a confiança é sempre atendida. Nunca será demasiado repeti-lo: a prece confiante obtém tudo.

---

[67] Qui confidunt in Domino, sicut nous Sion (Sl 124, 1)
[68] Dedisti laetitiam in corde meo (Sl 4, 7)
[69] In pace idipsum dormiam et requiescam, quoniam tu, Domine, singulariter in spe constituisti me. (Sl 4, 9-10).
[70] Salvos facit sperantes in se (Sl 16, 7)
[71] (Jer. 17, 7-8).
[72] Maledictus homo qui confidit in homine, et ponit carnem brachium suum, et a Domino recedit cor ejus. Erit enim quasi myricae in deserto… habitabit in siccitate in deserto, in terra salsuginis et inhabitabit. (Jeremias 17, 5-6).

Com insistência muito acentuada a Escritura recomenda-nos reanimar a nossa fé, antes de apresentarmos a Deus nossas súplicas: *"Tudo o que pedirdes a Deus, com fé na oração, vós o obtereis",*[73] declara o Mestre. O Apóstolo São Tiago usa da mesma linguagem; quer que peçamos "com fé, sem hesitar". Aquele que duvida, assemelha-se à vaga inconstante do mar; em disposições tais, é inútil pretender ser ouvido.[74]

Ora, de que fé tratam os trechos precedentes? Não e da fé habitual que o Batismo infunde nas almas; mas sim de uma confiança especial, que nos faz esperar firmemente a intervenção da Providência em circunstâncias dadas. É o que diz, explicitamente, Nosso Senhor no Evangelho: "Seja qual for o objeto da vossa prece, crede que o obtereis; e isso vos será concedido".[75] O Mestre não podia designar mais claramente a confiança.

Podemos ter fé viva e duvidar, no entanto, que Deus queira acolher favoravelmente este ou aquele pedido nosso. Temos acaso a certeza, por exemplo, de que o objeto do nosso desejo convém ao bem verdadeiro da nossa vida? Hesitamos, pois. E essa simples hesitação, nota um teólogo, diminui a eficácia da oração[76].

Em outras ocasiões, pelo contrário, a certeza íntima fortifica-s a ponto de repelir completamente toda dúvida ou hesitação. Estamos tão certos de sermos atendidos, que já nos parece ter na mão a graça solicitada. "Em atenção a uma confiança tão perfeita, escreve o Padre Pesch, Deus nos concede graças que, sem isso, não nos teria dado". Com efeito, o bem que Lhe pedíamos não nos era necessário; ou então, esse bem não realizava as condições precisas para que Deus, em virtude de suas promessas, Se obrigasse a no-lo dar.[77] O mais das vezes, de resto, essa íntima certeza é obra da graça em nós.

"Por isso, conclui o autor, uma singular confiança em obter esta ou aquela bênção, é uma espécie de promessa especial que Deus nos faz de no-la conceder".[78]

Uma palavra de São Tomás resumirá essa curta digressão: "A oração, diz o Doutor Angélico, tira o seu merecimento da caridade; mas sua eficácia impetratória lhe vem da fé e da confiança".[79]

---

[73] Quaecumque petieritis in oratione credentes, accipietis. (Mt 21, 22).

[74] Postulet autem in fide, nihil haesitans. Qui enim haesitas, similis est fluctui maris, qui a vento movetur et circumfertur. Non ergo aestimet homo ille, quod accipiat aliquid a Domino. (Tiago 1, 6-7)

[75] Omnia quaecumque orantes petitis, credite quia accipietis, et evenient vobis. (Mc 11, 24).

[76] Haec haesitatio non quidam tollit, sed minuit efficaciam orationis. Christianus Pesch: Praelectiones dogmaticae, t. IX, p. 166.

[77] Ob hanc Perfectionem fiduciae interdum dat Deus bonum, quod alias non daret, quia non erat ita necessarium, vel non habebat alias conditionis, propter quas ex vi solius promissionis illud dare teneretur. Pesch, loco citado.

[78] Itaque singularis fiducia impetrandi aliquam particularem rem desideratam est quase promissio specialis Dei circa hanc rem. Pesch, loco citado.

[79] Oratio efficatiam merendi habet a charitate, at vero efficaciam impetrandi a fide et fiducia. S. Tom. Quest. LXXXIII, art. 15, ad. 3.

Exemplos dos Santos

Os Santos rezavam com essa confiança, e por isso Deus Se mostrava a respeito deles de uma liberalidade infinita.

O Abade Sisois, segundo narra a Vida dos Padres, rezava um dia por um dos seus discípulos que a violência da tentação tinha abatido. "Queirais ou não, dizia a Deus, não Vos deixarei antes de o ter curado". E a alma do pobre irmão recobrou a graça e a serenidade.[80]

Nosso Senhor dignou-Se revelar a Santa Gertrudes que a sua confiança fazia tal violência ao Divino Coração, que Ele fora forçado a favorecê-la em tudo. E acrescentou que, assim agindo, satisfazia ás exigências da sua bondade e do seu amor por ela. Uma amiga da Santa orava desde algum tempo sem nada obter. O Salvador lhe disse: "Diferi a concessão do que Me pedes, porque não confias na minha bondade como a minha fiel Gertrudes. A ela nunca recusarei nada do que Me pedir"[81]

Enfim, eis, segundo o testemunho do Bem-aventurado Raimundo de Cápua, seu confessor, como rezava Santa Catarina de Siena.

"Senhor, dizia, não me afastarei de junto dos vossos pés, da vossa presença, enquanto a vossa bondade não me tiver concedido o que desejo, enquanto não Vos aprouver fazer o que Vos peço".

"Senhor, continuava, eu *quero* que me prometas a vida eterna para todos aqueles que amo".

Depois, com uma audácia admirável, estendia a mão para o Tabernáculo: "Senhor, acrescentava, ponde a vossa mão na minha! Sim! Dai-me uma prova de que me dareis o que Vos peço!..."

Que esses exemplos nos incitem a nos recolhermos no fundo da alma; examinemos um pouco a consciência. Com um piedoso autor dirijamos a nós mesmos a pergunta seguinte: "Teremos posto em nossas preces uma confiança total, um pouco desse *absolutismo* da criança que solicita da mãe o objeto que deseja? O absolutismo dos pobres mendigos que nos perseguem, e que, à força de importunação, conseguem ser atendidos? Sobretudo, o absolutismo, ao mesmo tempo tão respeitoso e tão confiante, dos Santos em suas súplicas?..."[82]

Conclusão do trabalho

Uma conclusão resulta naturalmente, imperiosamente, deste curto estudo.

Almas cristãs, empregai todos os meios ao vosso alcance para adquirir a confiança. Meditai muito sobre o poder infinito de Deus, sobre seu i-

[80] Vita patrum, lib. VI.
[81] Saint-Jure: De la connaissance et de l'amour de J. C., t. III, p. 27
[82] Sauvé. Jesus intime, t. II, p. 428

menso amor, sobre a inviolável fidelidade com que Ele cumpre suas promessas, sobre a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Não fiqueis, porém, indefinidamente parada na expectativa. Da reflexão passai à ação.

Fazei freqüentemente atos de confiança; que cada ação vossa vos sirva de ocasião para renová-los. E é, sobretudo, nas horas de dificuldades e de provação que os deveis multiplicar.

Repeti com freqüência a invocação tão tocante: "Coração de Jesus, eu tenho confiança em Vós!" Nosso Senhor dizia a uma alma privilegiada: "Basta a pequena oração: *"Confio em Vós",* para Me encantar o Coração, porque nela se compreendem a confiança, a fé, o amor e a humildade".[83]

Não receeis exagerar a prática dessa virtude.

"Não se deve nunca temer, na suposição, todavia, de uma vida boa, não se deve nunca temer o exercer demasiadamente a virtude da confiança. Pois assim como Deus, em razão de sua infinita veracidade, merece um crédito de alguma sorte infinito, assim também, em razão de seu poder, de sua bondade, da infalibilidade das suas promessas – perfeições estas que não são menos infinitas que a sua veracidade – Ele merece confiança ilimitada".[84]

Não poupeis esforços. Os frutos da confiança são assaz preciosos para que valha a pena colhê-los.

E se um dia vierdes a vos queixar de não ter obtido as vantagens maravilhosas esperadas, eu vos responderei com São João Crisóstomo: "Dizeis: Esperei e não fui atendido. Estranhas palavras! Não blasfemeis as Escrituras! Não fostes atendido porque não confiastes como convinha; porque não esperastes o fim da prova; porque fostes pusilânime. A confiança consiste sobretudo em levantar o ânimo no sofrimento e no perigo e elevar o coração para Deus".[85]

---

[83] Irmã Benigna Consolata Ferrero. Cf a nota 19 do cap. II.

[84] Saint-Jure: De la connaissance et de l'amour de J. C. , t. III, p. 6

[85] Dices: Ego speravi, et sum pudore affectus. Bona verba, quaeso, o homo! Ne divinae Scripturae obloquaris. Nam si pudore affectus ES, ideo affectus es, quod non, ut oportuit, speraveris, ex eo quod cesseris, ex eo quod finem non expectaveris, pusillo et augusto animo fueris. Hoc enim vel máxime est sperare, quando in media mala et pericula fueris conjectus, tunc erigi. São João Crisóstomo. In Psalm., CXVII.

Apêndice

Frases e citações sobre a Confiança

- Maledictus homo qui confidit in homine, et ponit carnem brachium suum, et a Domino recedit cor ejus. Erit enim quasi myricae in deserto… habitabit in siccitate in deserto, in terra salsuginis et inhabitabit. - *"Maldito o homem que no homem põe a sua confiança, que se apóia sobre a carne e cujo coração foge do Senhor. Será semelhante à tamargueira do deserto... ficará na aridez, em terra salgada e inabitável* **(Jeremias 17, 5-6).**

- *Dices: Ego speravi, et sum pudore affectus. Bona verba, quaeso, o homo! Ne divinae Scripturae obloquaris. Nam si pudore affectus ES, ideo affectus es, quod non, ut oportuit, speraveris, ex eo quod cesseris, ex eo quod finem non expectaveris, pusillo et augusto animo fueris. Hoc enim vel máxime est sperare, quando in media mala et pericula fueris conjectus, tunc erigi.* "Dizeis: Esperei e não fui atendido. Estranhas palavras! Não blasfemeis as Escrituras! Não fostes atendido porque não confiastes como convinha; porque não esperastes o fim da prova; porque fostes pusilânime. A confiança consiste sobretudo em levantar o ânimo no sofrimento e no perigo e elevar o coração para Deus. (**São João Crisóstomo. In Psalm., CXVII).**

- Confide, filii, remittuntur tibi pecata tua - *"Confiança, filha, teus pecados te serão perdoados* **(MT 9, 2)**

- Confide, filii, tua te salvam fecit – "*Confiança, filha tua fé te salvou"* **(Mt 9, 22).**

- Confidite, ego sum, nolite timere - *"Tende confiança! Sou Eu, nada temai"* -**(Mc 4, 40)**

- Confidite, ego vici mundum) - *"Confiança! Confiança! Eu venci o mundo!.-* **(Jo 6, 33**

- *Si credere potes, omnia possibilita sunt credenti - "Se podes crer, tudo é possível àquele que crê" -* **(Mc 9, 22)**

- *Credo, Domine, adjuva incredulitatem meam*– "Creio, Senhor, mas ajudai a minha incredulidade' **(Mc 9, 23).**

- *Spes autem non confundit*– Não foram confundidos na Esperança.- **(ROM 5, 5).**